



Todos os suspeitos sob o lápis vermelho de Helvécio

No seu depoimento, o coronel Helvécio apontou todos os que, no mínimo, estão sob suspeita.

publicado. Nada disso estava aditado ao inquérito, deixei cópias com o delegado para ajudar as investigações."

Durante a conversa preliminar mantida com o delegado Vasques e o promotor Bernardes, foi dito que o deputado Gustavo Faria (PMDB-RJ) — que esteve envolvido no escândalo da Capemi — teria **Abortado** o comparecimento de testemunhas preciosas, ao levar o fato ao conhecimento da imprensa. "A entrevista desse senhor assustou o oficial superior que estava disposto a contar tudo que ouvira de subordinados seus. Não se sabe qual foi a intenção desse deputado e a serviço de quem deu essa entrevista aos jornais" — lamentou Luiz Helvécio.

Ainda no desenrolar da conversa informal, foram citados como participantes do crime os nomes do sargento pára-quedista Roberto Fábio (que teria dado o tiro na nuca de Baumgarten), do major Amendola (ex-chefe do Núcleo de Operações Especiais da PM do Rio), dos soldados Eumir Rosa Falcão e Jair Pimenta Fernandes, da PM do Rio, e do sargento pára-quedista Ouro Fino ou **Fininho**. O coronel Ary Pereira de Carvalho foi igualmente citado pelo seu codinome de **Milton Miguez**.

Atentado e ameaças

Em seu depoimento formal, o coronel Luiz Helvécio foi questionado sobre o atentado a bala que sofrera no largo do Humaitá e que o general Newton Cruz considerou "fruto da imaginação" de seu ex-colega de SNI. Helvécio entrou em detalhes, ao lembrar que o delegado João Fontenelle admitiu ter sido praticado por arma de calibre

38. Disse, ainda, respondendo à nota de Newton Cruz, que o comandante Ary de Castro foi com ele à polícia comunicar o fato a Fontenelle.

"Não me mandaram até hoje, apesar de insistentes pedidos, a cópia do meu depoimento, e nem sei que fim levou o quebra-vento do meu carro. Trago uma cópia, por tê-la conseguido com um repórter do jornal **O Estado de S. Paulo**", disse Helvécio.

A partir daí, o militar foi questionado sobre uma carta em que denunciava ameaças de uma operação contra sua vida, que seria desencadeada por oficiais do SNI:

"Confirmo a sua existência. Esta carta se encontra em poder do jornal **O Estado de S. Paulo**, a quem devo a minha vida. Depois, fui punido com dois dias de prisão domiciliar, acusado de ter prestado informações a esse bravo jornal sobre o escândalo da Capemi".

O depoimento de Luiz Helvécio esteve ameaçado de encerrar-se antes do tempo, quando o delegado Vasques alegou faltar papel para datilografá-lo.

"O promotor não permitiu, disse que devíamos continuar. Acho que contribuí para a apuração desse hediondo crime praticado contra um amigo meu, o que faria com qualquer outro jornalista de minhas relações de amizade. Tudo aquilo de que não dispunha de provas apontei pistas para o prosseguimento das investigações. Foram pistas extremamente válidas para se chegar aos assassinos e seus mandantes. Voltarei a depor quantas vezes for chamado."

Ayrton Baffa